

GOLPE, ETC.

Zico:

Você devia ter escolhido outra pessoa para lhe mandar notícias da política brasileira: eu não tenho andado nas rodas políticas, mesmo porque no verão prefiro a praia. O ambiente é de mormaço, meu tio; mormaço carregado, que parece que vai dar em tempestade, mas por enquanto não deu em nada. Ventos variáveis e irregulares, que ora fazem murchar e bambear, ora enfunam os panos da candidatura do sr. Juscelino; o qual senhor ainda é, por enquanto, candidato a candidato.

Sobre sua força direi que ele está com boa imprensa e mau Exército; fraco em matéria de governadores, forte na disposição de luta. Quando eu digo mau Exército quero dizer que houve um manifesto, ou dizem que houve (deve ter havido, mas é meio disco-voador) de chefes militares achando que, no lugar da sua, conviria mais uma candidatura de união nacional. Ele responde, matreiro, que depois de eleito fará essa união; mas desde logo convida a todos para se unirem em volta d'ele. O caso é, titio, que o lançamento de seu nome foi festejado demais pelos senhores gregórios e pelas senhoras viúvas. Isso produziu mal-estar em quem não é uma coisa nem outra; confidenciarei que a mim mesmo me enjoou um tanto.

Até aí, tudo normal. O anormal é que não se encontra um candidato conveniente contra ele; tal é austero, mas impopular; tal é popular, mas perigoso; um é bom, mas tem rabo; outro é excelente, mas sem força. Mais anormal ainda é o boato de que se ele fôr mesmo candidato, irão os militares ao golpe, por considerarem isso uma disfarçada volta do defunto, que tanto custou a se ir. Ora, Zico, estou longe de ser juscelinista e, mais que suas péssimas amizades, me afastam d'ele a maneira agressiva e astuciosa com que continuou e agravou a política tradicionalmente mesquinha de Minas Gerais na questão de limites com o Espírito Santo. Mas prefiro esse que me permite considerar um mau candidato, mas civil e legal, que só subirá ao poder se fôr escolhido pelo povo (e se o povo escolher mal, que se dane: azar d'ele) a um salvador da Pátria fardado que seria escolhido dentro dos quartéis, ao sabor das conjunções da conspirata.

Se os militares têm um bom candidato à presidência, que o façam vir para a rua lutar pelos votos. Compreendo muito bem o sentimento desses conspiradores e simpatizo com ele. Mas transformar esse sentimento em um ultimato é o que me parece errado e sumamente perigoso. Para começar, não acredito que as classes armadas consigam se unir em torno de um tal plano; ele tem um caráter ilegal e os militares, no Brasil, parecem ser a única gente com alguma superstição da lei. Creio que as duas últimas vezes que eles intervieram na vida nacional o fizeram bem; mas é diferente intervir contra um governo ilegal ou apodrecido e intervir contra um candidato; isso seria um voto de desconfiança no povo e — no fundo — um voto de falta de confiança n'eles mesmos.

Não estejais, senhores, a puxar das espadas a todo momento; acabei batendo, entre vós mesmos, espadas contra espadas, e isto seria mau para todo mundo e péssimo para o país.

Ora, Zico, ninguém me tira da cabeça que isto que eu, frívolo cronista, aqui pondero, não seja também ponderado por muitas figuras responsáveis na alta política e na alta militância. Deixe-me ser otimista: não creio que haja golpe, mesmo que o P. S. D. adote a candidatura Juscelino. Nosso prezado Café saberá manobrar para ir até o fim de seu governo, mantendo a balbúrdia nacional dentro da lei, como é seu não invejável mas iniludível dever.

Bem, mas mudando de conversa, estava eu ontem a palestrar com uma das dez senhoras mais elegantes do Brasil quando ela me disse... Depois eu conto. Adeus.

22.1.55 R. B.